

O PAPEL DA ESCOLA NA PROMOÇÃO DA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NO ENSINO FUNDAMENTAL: Um estudo em uma escola do interior de Minas Gerais

Natália Aparecida Lourenço¹
Ludmilla Carneiro Araújo²

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar as práticas e desafios enfrentados por professoras na implementação da educação antirracista no ambiente escolar. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa com o uso de entrevistas semiestruturadas com quatro professoras de uma escola do interior de Minas Gerais. As professoras entrevistadas ressaltaram a importância de desenvolverem práticas que incentivem a desconstrução do racismo estrutural, elas entendem o que é educação antirracista, já vivenciaram inúmeras situações de racismo em sala de aula e acham importante refletir sobre isso. Elas afirmaram realizar em suas escolas feiras literárias, projetos internos e aulas que abordem a cultura afrobrasileira. Conclui-se que o caminho essencial para formar crianças, jovens e adultos mais críticos, respeitosos e que contribuam para o fim do racismo é uma educação antirracista que seja inclusiva e igualitária. Essa é a forma de transformar a realidade e construir um mundo mais justo.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Antirracista; Prática Escolar; Educador.

1 INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços para promover a igualdade étnico-racial, o racismo infelizmente é um problema estrutural arraigado na sociedade em que vivenciamos. A nível Brasil, país miscigenado, é comum existir ações, falas e pensamentos contribuintes para a crescente no número de atos considerados racistas. Ainda assim, sempre haverá pessoas que, ao serem questionadas, dirão que não são racistas, e também não repreendem ao presenciar situações que disseminam o racismo. Segundo Ribeiro, “[...] o primeiro impulso de muita gente é recusar [...] “Claro que não, afinal tenho amigos negros”, “Como eu seria racista se empreguei uma pessoa negra”, “Racista, eu, que nunca xinguei uma pessoa negra” [...]” (RIBEIRO, 2019, p.37).

¹ Estudante de Pedagogia. E-mail: nataliaadmpj@gmail.com

² Professora do curso de Pedagogia do Unifagoc. E-mail: ludmilla.araujo@unifagoc.edu.br

O racismo na sociedade é algo terrível e no âmbito escolar não seria diferente, está tão impregnado que dentro da escola que vemos crianças que não se sentam perto de algum colega por causa da cor, tipo do cabelo, e características físicas, “acreditam” na supremacia racial, fazendo com que além de atitudes racistas aumente os casos de bullying, discriminação e preconceitos. Segundo Munanga (2005) o preconceito enraizado na mente dos professores pode dificultar a capacidade de lidar efetivamente com a diversidade, impactando negativamente no ambiente educacional, assim como o conteúdo dos livros e materiais didáticos que desestimulam o alunado negro e prejudicam o aprendizado. Nesse sentido, a educação antirracista é essencial para a superação do racismo, discriminação e estereótipos enraizados em nossa cultura.

No ano de 2003, foi instituída a Lei nº 10.639/03, alterando a Lei nº 9.394/96 que estabelece a diretrizes e base da educação nacional, que torna obrigatória o ensino da história e cultura afro-brasileira na educação básica (BRASIL, 2003). Além de combater o racismo, pode contribuir para a valorização dos conhecimentos advindos de africanos e afro-brasileiros. Apesar dessa lei, observa-se que ainda há muito a ser feito, pois na prática a lei não é aplicada como deveria.

Diante do exposto, este artigo tem como problema de pesquisa a seguinte questão: Quais são os desafios para a implementação de uma educação antirracista no âmbito escolar de uma escola do interior de Minas Gerais? A fim de respondê-la, essa pesquisa tem como objetivo analisar as práticas e desafios enfrentados por professoras na implementação da educação antirracista no ambiente escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O Racismo estrutural

Não se pode falar sobre educação antirracista sem antes entendermos o porquê precisamos incluir nos ambientes escolares, nas instituições sociais, econômicas e políticas, práticas e projetos que contribuam para dismantelar o racismo estrutural. Para isso devemos entender melhor sobre o racismo como um fenômeno social presente em nosso meio.

De modo geral, racismo é a crença da superioridade racial que determinados grupos étnicos exercem sobre outras, “[...] e que se manifesta de forma consciente ou inconsciente que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.” (Almeida, 2019, p.22). Não é apenas um problema individual, mas sim de estrutura, um problema sistêmico, que é encontrado nas instituições, sistemas sociais, econômico e políticos de uma sociedade.

O racismo é um fenômeno construído ao longo da historicidade humana, como a discriminação racial na Grécia Antiga que classificava povos do Oriente como inferiores, “[...] denominavam bárbaro todo povo que não fosse grego, e mais tarde os romanos chamavam bárbaros todos que não fossem romanos nem gregos”. (CHAVES, 2020, p.3). Alemães que cegamente acreditava na pureza de uma raça e exterminaram milhões de judeus e outras minorias, ou como na escravidão onde africanos eram açoitados por colonizadores europeus.

Perpetuado de diversas maneiras, uma das formas mais perversas do racismo é o estrutural, que por vezes se manifesta sutilmente, como um disfarce instaurados nas instituições e sistemas sociais. A estrutura vem de como são separadas as pessoas dentro dessas organizações. Podemos visualizar o racismo quando vemos crianças nos sinais vendendo balas, e em sua maioria, crianças negras, falta de modelos negras, o ingresso de alunos em faculdade, composta pela maioria de brancos, especialmente em cursos de maior prestígio. Oliveira (2021, p. 62) afirma que:

Tal olhar, produto evidentemente de uma primeira apreensão do fenômeno – o racismo aparece, à primeira vista, como um comportamento, uma atitude que se explicaria apenas pelo caráter ou pela conduta da pessoa – tenta se travestir de uma perspectiva estrutural ao essencializar o sujeito praticante em um lugar racializado. O branco é assim mesmo, faz “branquice” e não há o que fazer. Em outras palavras, o que se quer expressar como racismo estrutural não passa de uma concepção estruturalista de racismo. A essencialização da raça como definidora dos comportamentos congela a-historicamente essa condição.

O viés da modernidade são as redes sociais, local que a propagação do racismo estrutural acaba favorecendo o agressor, a depender da situação. Para Oliveira, “essa nova forma de sociabilidade imposta pela sociedade midiaticizada que faz com que manifestos e cartas de repúdio sejam socializados entre os próprios signatários”. (OLIVEIRA, 2021, p. 62).

Essas estruturas fazem com que comentários ofensivos (algumas vezes mascarados) sofram constantes crescentes em seus números, assim podemos afirmar que, as instituições reproduzem essas condições para a ordem social (ALMEIDA, 2019). Desse modo, “as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. [...] as instituições são racistas porque a sociedade é racista.” (ALMEIDA, 2019, p. 31).

Em suma, a manifestação do racismo enraizado nas estruturas sociais pode reforçar estereótipos negativos, limitar acesso a oportunidades, aumentar a marginalização de grupos minoritários. Muitas vezes, é possível encontrar condições ou posicionamentos racistas nas políticas públicas, sistemas educacionais, práticas empresariais, entre outros.

2.2 Racismo na escola

Como vimos, o racismo pode ser encontrado em diversos lugares, e um desses locais são os sistemas educacionais, onde esse fator pode ser crucial na vida de quem é vítima. Um ambiente onde deveria ser lugar propício para troca e conhecimentos, valores, aprender a conviver, respeitar não somente o outro, mas as suas diferenças, construir sua identidade, é também o lugar onde existem práticas discriminatórias, preconceituosas e racistas.

O contexto social que os alunos estão inseridos pode ser determinante para que as práticas desenvolvidas continuem, pois, as crianças reproduzem o que são ensinadas para elas. Por mais que dentro de sala professores ministrem que deveria existir o respeito às diferenças do outro, em alguns casos, o que é passado de geração em geração e o que as crianças vivenciam nas escolas acaba sendo predominante.

Nas instituições de ensino, por exemplo, alguns professores por falta de conhecimento e/ou preconceitos pessoais podem se ausentar ao presenciar situações que venham a tomar proporções maiores por falta de um posicionamento e/ou um olhar diferente. Já outros não possuem capacitação necessária ou suporte para ampliar a visão, e fazer da prática docente mais necessária, eficaz e eficiente. Segundo Tuono e Vaz (2017, p. 4):

Compreendemos que é necessário, seja por meio de cursos de formação continuada ou por exercício próprio, que o professor se atualize acerca do referido tema, assim sendo, terá a possibilidade de contribuir para o desenvolvimento de um trabalho em sala de aula voltado a superação de discursos e práticas racistas.

O alunado negro vítima constantemente de ações preconceituosas, tem sua identificação perdida ao se deparar com conteúdos dos livros didáticos ultrapassados e eurocêntricos, colegas que não querem se sentar perto, ou ser apelidados pelo formato de seu nariz, boca, tom de pele e o tipo de cabelo, todos esses modos de inferiorizar o afrodescendente faz com que ocorra um desestímulo, acarretando o abandono do estudos, fazendo que aumente o número de crianças negras em sinais vendendo balas, ou limpando os vidros de carros, a marginalização, entre outros problemas, efetivando ainda mais a desigualdade social. (OLIVEIRA, 2021)

Moreira-Primo e França (2020) afirmam que “apesar de a escola ser um lugar privilegiado na construção de identidades e na socialização das crianças, esse não é um privilégio vivenciado por todas as crianças de forma positiva [...]. As percepções negativas de si mesmas e as construções de identidades inferiorizadas demonstram que a escola é também um lugar de conflito, principalmente na trajetória das crianças negras.”

2.3 Educação Antirracista

Partindo do ponto de como é prejudicial o racismo no âmbito escolar, devemos nos atentar para as práticas de uma educação antirracista. Objetivando a oferta de um ensino para todos, onde se possa manter o respeito fundamental para uma boa convivência.

Conforme a Lei 10639/3, que torna obrigatória o ensino da história e cultura afro-brasileira e dos povos originários, alguns materiais se modificaram, porém não é o bastante para um pensamento/ ação que venha abrir caminhos para a educação antirracista. Muitos são os empecilhos; a escola tem uma data comemorativa como feriado, mas não trabalham sobre a importância dos afrodescendentes no decorrer do ano letivo; as instituições educacionais devem assumir o compromisso de buscar mudanças, pois, apesar do dia da consciência negra ser importante, não se faz suficiente para que tal mudança ocorra. (BRAÚNA, SOUZA, SOBRINHA, 2022).

Enquanto a lei existir somente no papel, continuaremos a presenciar alunos apelidando outros por causa de suas características fenotípicas. “Sem o conhecimento da história de diferentes povos que fazem parte da nossa sociedade, da nossa origem, o racismo continua ocorrendo. A “neutralidade” da história e da linguagem sustenta e mantém o racismo.” (BRAÚNA, SOUZA, SOBRINHA, 2022, p.5).

Acredita-se que uma das causas para uma prática escolar ainda falha no quesito antirracista é a falta de conhecimento dos professores sobre a história dos africanos e povos originários; “percebe-se que a prática do professor é questionada, a começar pela falta de conhecimento sobre a Lei 10.639/03, apresentando-se como um dos impasses para a efetivação da mesma nas escolas, pois se o professor não a conhece, ignora o aspecto de sua obrigatoriedade”. (TUONO e VAZ 2017, p.10).

Mais adiante Tuono e Vaz (2017, p. 10) concluem que:

Na sua maioria, os professores optam por isentar de suas obrigações, relatando falta de tempo ou que os conteúdos da cultura afro-brasileira não se relacionam com os outros componentes curriculares. Sendo assim, é importante que o professor conheça a obrigatoriedade legal e social que existe, pois é a partir dela que o professor pode planejar e desenvolver métodos e estratégias para a abordagem da matriz africana no contexto escolar, deixando de agir de forma intuitiva.

Não somente os professores devem conhecer, contribuir e aprimorar a educação antirracista, em suma, todo corpo docente, a sociedade, quem redige os materiais didáticos, o PPP da instituição. Se não houver a cooperação de todos os envolvidos nada poderá ser feito para o combate ao racismo.

3. METODOLOGIA

Este artigo teve como objetivo analisar as práticas e desafios enfrentados por quatro professoras na implementação da educação antirracista no ambiente escolar. As professoras atuam em escola pública nos municípios de Rodeiro/MG, Tocantins/MG e Ubá/MG, situados na Zona da Mata Mineira. Este trabalho, quanto à natureza, constitui-se em uma pesquisa básica, pois não tem aplicabilidade prevista, não possui caráter prático, restringindo-se apenas ao nível teórico. O termo “pesquisa básica”, para Gil (2002), equivale à pesquisa “pura”, sendo aquela que objetiva gerar conhecimento.

Quanto aos procedimentos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, definida por Marconi e Lakatos (2003, p.158) como “um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”.

Com relação aos objetivos gerais, essa pesquisa classifica-se como descritiva.

As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática. (GIL, 2002, p.42).

Optou-se por utilizar uma abordagem qualitativa, que, segundo Poupart (2008), implica em o pesquisador observar pessoalmente situações e comportamentos pelos quais se interessa, utilizando ferramentas como a entrevista, os relatos de vida, ou ainda a pesquisa documental. Para este trabalho, optamos por realizar entrevistas com as docentes.

A entrevista ocorreu no mês de maio de 2024 com 4 professoras do Ensino Fundamental I. Para Lima (2016), a entrevista é uma técnica que consiste em recolher dados passados por meio da memória do entrevistado, e nas quais o pesquisador pouco fala, deixando ao entrevistado a condução da narrativa, o entrevistador apenas estimula marcadores para que a entrevista siga o roteiro desejado.

Optou-se pela utilização de uma entrevista semiestruturada como um instrumento para produção de dados. Segundo Trivisio (1987), com a pesquisa semiestruturada o informante tem a possibilidade de discorrer sobre suas experiências a partir de um ponto principal proposto pelo pesquisador, ao mesmo tempo permitindo respostas mais livres e espontâneas do informante. Essa técnica ainda possibilita conhecer a perspectiva do entrevistado, já que a entrevista traduz a representação do profissional acerca do seu trabalho, o que facilita uma aproximação do que é realmente vivido.

Desse modo, a partir da entrevista concedida pelas docentes, foi realizada a análise e a interpretação dos dados e construídos quadros de análise em diálogo com a literatura do campo.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Serão apresentadas nesse capítulo os resultados obtidos pela análise das entrevistas. Foram sujeitos da pesquisa quatro professoras que atuam em escola pública nos municípios de Rodeiro/MG, Tocantins/MG e Ubá/MG, situados na Zona da Mata Mineira. Os nomes das professoras foram substituídos por pseudônimos, para preservar a identidade delas. A seguir, serão apresentadas as características das entrevistadas.

Tabela1: Características das professoras entrevistadas

Nome fictício/ Idade	Raça	Anos de atuação como Professora	Formação
Professora A 24 anos	Parda	1 ano	Pedagogia/ Licen. Educação Especial
Professora T 37 anos	Parda	10 anos	Pedagogia/ Licen. Educação Especial
Professora P 22 anos	Branca	1 ano	Pedagogia
Professora M 25 anos	Branca	2 anos	Licenciatura Pedagogia/Licenciatura em Educação Inclusiva/ Graduada Literatura Brasileira e Universal

Sabemos a relevância do tema educação antirracista, e o quanto é urgente transmitir essa prática no âmbito escolar. Dessa forma, foi perguntado às professoras se elas sabem o que é uma educação antirracista. A professora T afirmou: *é aquela que compreende que vivemos em uma sociedade racista, em que as relações entre as pessoas são de acordo com o lugar social e racial que elas vivem. Tem a função de se preocupar*

e preparar o indivíduo para se colocar contra o racismo. A professora A completou: A educação antirracista ensina sobre a história, ensina sobre a valorização dessa cultura, o legado que eles deixaram, até mesmo por uma questão de representatividade, identidade, trabalha a questão também dos antepassados, porque a gente sabe que eles estão aí na origem, na identidade de todo mundo. Então eu creio que é isso, que é aquela que tenta combater, que tem como princípio combater o preconceito. Dessa forma, percebe-se que as professoras entendem o que é essa educação.

Apesar de todo feito até aqui, todos os dias a discriminação racial se faz presente em sala de aula. Ao serem perguntadas se já presenciaram algum tipo de discriminação em sala de aula, a professora T relata que *sim, é difícil e desafiador lidar com a discriminação racial entre as próprias crianças que muitas vezes estão reproduzindo o que vivem e não entendem. A professora P disse: já vivenciei momentos em que crianças não queriam ficar perto do colega por conta da raça ou falavam das características físicas de modo pejorativo. Isso me despertou ainda mais pra necessidade de dialogar com os alunos sobre a nossa cultura e o nosso povo que é diverso e sobre a importância de reconhecer e valorizar essa diversidade.*

Constatamos que a sociedade em que a criança está inserida, pode refletir de forma positiva ou negativa, se tornando assim um dos desafios para a implementação de uma educação eficaz e igualitária. Segundo Onofre (2008, p. 106), “as práticas curriculares reproduzem o saber de um grupo dominante que manipula o conhecimento e os saberes com base na afirmação de uma hegemonia racional que coloca em desvantagem as minorias desprivilegiadas dos bens culturais”.

Foi perguntado às professoras quais são os principais desafios enfrentados na implementação dessa prática e a professora M relatou que *a gente enfrenta o desafio, primeiro, das famílias, que as crianças têm diversas definições culturais, a própria família ensina. Às vezes, a criança escuta um pai chamar a pessoa de um jeito e vai repetir isso em sala. Porque a gente tem que ensinar o correto, e às vezes, lá está sendo repassado de forma errada. Já professora A afirma que um dos desafios ainda é a resistência da sociedade de reconhecer que ainda existe o racismo, que tem gente que acha que assim, que tá fora do alcance, que tá longe dele, que nunca vai acontecer perto dele. Então, eu acho que um dos desafios é reconhecer. Reconhecer que existe o racismo*

estrutural, que ainda, por exemplo, nas escolas tem, mas ainda é pouco material didático que retrata o tema. Segundo Cruz (2022, p. 24) “Implementar uma educação antirracista precede uma prática antirracista na escola”.

Nesse sentido, se torna importante também falar sobre as políticas públicas. Foi perguntado às professoras sobre a influência de leis em suas práticas. A professora M explicou que *as políticas públicas e as leis dão um direcionamento de normas que vêm encaixando no currículo escolar para ser implementado através das feiras literárias, através de outras demonstrações que a escola faz a sua participação na questão das suas apresentações.* A professora P frisou que as políticas públicas influenciam *estimulando a implementação de práticas no âmbito escolar e a abordagem da temática de modo geral.* Isso mostra a importância de ações afirmativas, que “são políticas públicas de promoção de igualdade nos setores público e privado, e que visam a beneficiar minorias sociais historicamente discriminadas” (ALMEIDA, 2019, p.89).

Foi perguntado às professoras como os professores e gestores educacionais podem ser agentes de transformação na promoção da educação antirracista, as professoras convergiram sobre não negligenciar essas questões em sala de aula como afirma a professora A: *os professores, os gestores, podem ser figuras dessa transformação quando eles reconhecem a importância de abordar essas questões em sala, quando promovem ambientes inclusivos, quando desenvolvem atividades que valorizam a diversidade, trazendo essa temática para dentro da sala de aula, no dia a dia, conversando, abrindo rodas de debate, ouvindo um ao outro, compartilhando ideias. Eu acredito que, trabalhando nessa questão em sala, dá para se transformar, é a importância da temática.* Seguida pela linha de pensamento da professora P afirmou: *não negligenciando a temática e o assunto durante as aulas, nem negligenciando situações racistas que podem ocorrer no âmbito escolar.* A professora T completou: *somos agentes mediadores, pois quando percebemos formas de discriminação entre os educandos, devemos intervir de forma correta e eficaz, a fim de que essas práticas diminuam na escola.*

A partir dessas afirmações, percebemos o quão importante e necessário é ter um educador preocupado com a formação de seus alunos. Segundo Tuono e Vaz (2017), é responsabilidade do professor identificar em sua prática pedagógica maneiras de combater o racismo, promovendo entre os alunos a reflexão sobre igualdade de gênero, respeito, moral, ética e justiça social.

Ao serem questionadas sobre se a importância da educação antirracista na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, a professora A disse que *é importante e que acredita que quanto antes trabalhado é melhor, deve começar lá no maternal, lá na educação infantil, porque ensina sobre o respeito, sobre a cultura, sobre as diferenças, sobre a empatia, vai formando as crianças desde pequenas a ter uma mente mais aberta, buscar incentivar o diálogo, pensar sobre as consequências que tem o racismo contra o próximo, então assim, eu acho que desde o quanto antes melhor, eu acho que tem que ser trabalhado desde sempre*. A professora M acrescenta que *essa construção se faz dia a dia com os alunos, tem que ser cada dia mais justa, mostrando o que é certo e o que é errado, o que machuca e o que não machuca o colega, um modo de se expressar, um modo de falar com as pessoas, o cuidado com as pessoas, isso deve ser sempre trabalhado*. Dessa forma, conclui-se que as professoras concordam que uma educação que trabalha o antirracismo pode contribuir para uma sociedade igualitária.

Ao serem questionadas sobre as práticas além das datas comemorativas que pudessem ser implementadas nas aulas, todas as professoras concordaram e identificaram atividades que pudessem ser implementadas, como a professora P que relatou: *são feitos projetos internos e aulas que abordem a cultura afrobrasileira, de modo a reconhecer a importância do povo africano na formação do nosso povo, da nação e da nossa cultura*. A professora A afirmou que *as escolas em geral, buscam referências através de feiras, nas feiras é demonstrada cultura, dança, comida, e livro, tem muito livro literário também, tem muito filme*. E complementa dizendo que *poderia ter uma interdisciplinaridade, poderia englobar mais matérias, porque ainda é muito focado na matéria de história*. A professora M, concorda com as afirmativas e completa dizendo que *fazem uma gincana, ou uma feira literária mesmo, para expor as culturas, se é para demonstrar a parte da afrodescendência, fazer uma boneca com o cabelo encaracolado*. E a professora T salienta sobre as visitas guiadas, *fazemos visita ao Museu Gynasio São José, onde é vivida uma experiência inesquecível com a cultura africana*. Percebe-se que elas utilizam vários meios para implementar uma educação voltada para a desconstrução do racismo.

Foi perguntado às professoras como a educação poderia contribuir para o combate ao racismo e à discriminação racial, a professora A respondeu que *a educação é que vai*

conscientizar, através do conhecimento, a importância de respeitar, de uma maneira geral, respeitar a cultura do outro, o modo de agir, vai criando um entendimento da diversidade em geral. A professora P afirma que apresentando o real contexto histórico para os alunos, fazendo um trabalho de conscientização, mas que não se limite apenas ao diálogo, mas que se estenda a ações efetivas, tendo em vista que o conhecimento liberto, mas precisa ser praticado. A professora T conclui que é fornecendo oportunidades de discursões abertas sobre as questões de racismo e promovendo mais projetos voltados a este tema, inclusive formação para os professores. Tuono e Vaz (2017) argumentam que a educação, embora não redentora da sociedade, representa uma oportunidade de transformação social, sendo, portanto, dever de todos os indivíduos lutar pela justiça social e pelos direitos igualitários.

Quando perguntado às professoras como a sociedade pode contribuir para a promoção de uma educação antirracista mais eficaz e abrangente, a professora M afirma que, *a sociedade tem que analisar o que se fala, o que sai da boca e com qual expressão e com qual sentimento ele coloca aquilo pra fora. Ele tem que pensar, na forma que vai falar. Eu vou machucar aquela pessoa? Será que ele merece eu o chamar daquele nome, daquele pré-julgamento?* Convergindo com a professora P que acrescenta que *não é reproduzindo atitudes racistas, revendo as suas ações e seus discursos.* Já a professora T salienta a importância de *campanhas de conscientização e sensibilização social, e sobre nossa cultura. Considero primordial que tenham leis mais eficazes.*

Foi perguntado também para as professoras sobre uma educação continuada para educadores sobre a Lei 10.639, as professoras convergem, a professora A afirma que *é importante a questão da capacitação, tem que andar alinhada, pra melhor se informar, pra evitar constrangimento do dia-a-dia, se informar nunca é demais, informação é sempre útil. Então, a educação continuada é muito boa, é fundamental, porque na nossa área não tem como a gente parar no tempo, sempre temos que estar correndo atrás, se informando, se capacitando.* A professora M completa que *o professor sempre deve estar com a continuidade de cursos, sempre deve estar se atualizando, ver as maneiras diferentes de trabalhar, o linguajar que chega ao alcance dos alunos. Sempre estar buscando informações diferentes para repassar isso para os alunos.* Já a professora P afirma que *é essencial. Assim, conquista-se mais ferramentas pedagógicas para trabalhar a temática e caminhar para a construção de uma sociedade menos desigual e*

menos racista a partir da educação. A professora T salienta que é muito importante, pois muitas vezes não é trabalhada por falta de formação. Dessa forma, Tuono e Vaz (2017) afirmam que é importante que o próprio professor desconstrua práticas de discriminação enraizadas em sua cultura, e que busque conhecimento sobre a história e cultura afrodescendente, para que consiga auxiliar na construção de consciência dos seus estudantes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, vimos a importância da educação antirracista no âmbito escolar, que desempenha um papel fundamental na desconstrução de estereótipos, preconceitos, discriminações, é essencial para promover a igualdade social. Como observamos a partir das entrevistas e dos teóricos, é crucial que o ensino da história dos africanos e afrobrasileiro seja trabalhado para contribuir no desenvolvimento de práticas antirracistas.

Apesar da existência da lei 10639, percebeu-se educação antirracista no ambiente escolar ainda se faz ineficaz, pois sem fiscalização ou medidas que realmente façam valer, ela continua existindo apenas no papel. O primeiro passo para uma educação de qualidade seria um trabalho conjunto entre sociedade-escola, além da busca de formação continuada e tentativa de desconstrução do racismo enraizado na própria cultura de professores.

Constatamos que, além da mudança na prática docente, é possível adotar diferentes caminhos, como a formação continuada de professores, a reformulação das políticas curriculares, a conscientização da sociedade por meio de instituições externas e a implementação de políticas educacionais voltadas para a correção de injustiças históricas.

As professoras entrevistadas ressaltaram a importância de desenvolverem práticas que incentivem a desconstrução do racismo estrutural, elas entendem o que é educação antirracista, já vivenciaram inúmeras situações de racismo em sala de aula e acham importante refletir sobre isso. Elas afirmaram realizar em suas escolas feiras literárias, projetos internos e aulas que abordem a cultura afrobrasileira.

Conclui-se que o caminho essencial para formar crianças, jovens e adultos mais críticos, respeitosos e que contribuam para o fim do racismo é uma educação antirracista

que seja inclusiva e igualitária. Essa é a forma de transformar a realidade e construir um mundo mais justo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro Pólen, 2019.

BRASIL. **Indagações Sobre Currículo: diversidade e currículo**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2007.

BRASIL. **Lei no 10.639**, de 9 de janeiro de 2003..Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acessado em: 29 de janeiro de 2024

BRAÚNA, Carla Jeany Duarte; SOUZA, Davison da Silva; ANDRADE SOBRINHA, Zélia Maria Lemos.Letramento racial crítico: ações para construção de uma educação antirracista. **Ensino em Perspectivas**, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022

CHAVES, Alaor Silvério. **Origens do racismo**, 2020.
Disponível em: <http://alaorchaves.com.br/origens-do-racismo/>. Acessado em: 08 de abril de 2024.

CRUZ, Rosemary. **Educação antirracista e a prática docente: um olhar a partir da escrivência e para as práticas das professoras da Escola M.E.F. Maria das Neves Lins (Bayeux-PB)**- João Pessoa, 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Como classificar as investigações**. Como desenvolver projetos de pesquisa, v. 4, não. 1 pág. 44-45, 2002. Disponível em: https://www.academia.edu/download/38881088/como_classificar_pesquisas.pdf. Acesso em: 04 maio 2023.

LIMA, Márcia. **O uso da entrevista na pesquisa empírica**. Métodos de pesquisa em ciências sociais: bloco qualitativo, p. 24-41, 2016. Disponível em: <https://centrodepesquisaformacao.sescsp.org.br/uploads/BibliotecaTable/9c7154528b820891e2a3c20a3a49bca9/322/1507668143662883762.pdf#page=24>. Acesso em: 08 maio 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 2003. Disponível em: https://docentes.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india/at_download/file. Acesso em: 04 maio 2023.

MOREIRA-PRIMO, Ueliton Santos; FRANÇA, Dalila Xavier de. Efeitos do racismo da trajetória escolar de crianças: uma revisão sistemática. *Debates em Educação*, [S. l.], v. 12, n. 26, p. 176–198, 2020. DOI: 10.28998/2175-6600.2020v12n26p176-198.

Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/8403>.

Acessado em: 7 abr. 2024.

MUNANGA, Kalengebe (org.). *Superando o racismo na escola*. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

POUPART, Jean et al. A pesquisa qualitativa. **Enfoques epistemológicos e metodológicos**, v. 2, 2008. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1895937/mod_resource/content/1/04_OB-JACCOUD_MAYER.pdf. Acesso em: 08 maio 2024

OLIVEIRA, Dennis de. **Racismo estrutural : uma perspectiva histórico-crítica**. – 1. Ed. – São Paulo : Editora Dandara, 2021.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Educação antirracista: tensões e desafios para o ensino de sociologia**. *Educação & Realidade*. 2014, v. 39, n. 1, pp. 81-98. Disponível em: <>. Epub 13 Fev 2014. ISSN 2175-6236.

ONOFRE, J. A. Repensando a questão curricular: caminho para uma educação antirracista. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 4, n. 4, p. 103-122, 2020.

Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/563>. Acesso em: 19 maio. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. 1ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Airton Marques da. *Metodologia da pesquisa*. 2ª ed. revisada – Fortaleza – Ceará: Ed UECE, 2015.

TUONO, E. F. N., VAZ, M. R. T. (2017). O racismo no contexto escolar e a prática docente. **Debates Em Educação**, 9(18), 204-216. <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2017v9n18p204>

TRIVISIOS, Augusto NS. Introdução à pesquisa em ciências sociais. A pesquisa, p. 133, 1987. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em-Ciencias-Sociais.pdf. Acesso em: 10 maio 2023.